

## Jovens do campo: o processo de construção da identidade de lugar<sup>1</sup>

Clayton Nunes da Silva<sup>2</sup> – UNESC – [tonclaytom@yahoo.com.br](mailto:tonclaytom@yahoo.com.br)  
Teresinha Gonçalves<sup>3</sup> – UNESC – [tmg@unes.net](mailto:tmg@unes.net)

**RESUMO:** Este trabalho refere-se a um estudo de Psicologia Ambiental sobre jovens do meio rural, egressos do CEDEJOR (Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural), localizado no município de Lauro Müller – SC. O objetivo deste estudo é compreender como os jovens egressos do Cedejor tem se apropriado de seus espaços e construído sua identidade de lugar. A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa foi qualitativa, empregando como instrumento para o levantamento das informações a entrevista semi-estruturada individual. A amostra da pesquisa foi composta por cinco jovens. Destes, três são do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 19 e 26 anos. Os resultados obtidos pela pesquisa demonstram que o processo de construção da identidade de lugar se deu na interação dos jovens com o seu entorno sociofísico, na relação com a natureza, na sensação de liberdade, no sentimento de pertença, afeição pelos animais e laços com o lugar.

**Palavras-chave:** Apropriação do espaço. Família. Jovens do Campo.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a um estudo sobre jovens do campo. Foi inspirado na experiência do Programa de Iniciação Científica - PIC 170, realizado entre períodos de abril de 2008 a março de 2009, e que teve como tema “O papel da família na emancipação do jovem do campo numa perspectiva interdisciplinar: a experiência do Cedejor das Encostas da Serra Geral (ESG)”. Foi a partir desta experiência, mais focada em compreender o papel da família e na emancipação dos jovens, que surgiu o interesse em levar adiante os estudos sobre a juventude do campo.

O ponto referencial desta pesquisa são os jovens que passaram pela formação educacional do Cedejor (Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural) do município de Lauro Müller – SC, criado em 2002. Este Centro tem atuado na região Sul do país em três territórios

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado para obtenção do grau de Bacharel no Curso de Psicologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, apresentado em Junho de 2009.

<sup>2</sup> Mestrando em Ciências Ambientais - UNESC. Bacharel em Psicologia – UNESC.

<sup>3</sup> Professora titular e pesquisadora da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Docente do Mestrado em Ciências Ambientais e do curso de Psicologia. Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano - UFPR. Mestre em Psicologia Social - PUC/São Paulo. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Meio Ambiente e Espaço Urbano e Psicologia Ambiental da UNESC. E-mail: – [tmg@unes.net](mailto:tmg@unes.net)

distintos: Centro-Sul do Paraná/PR, Encostas da Serra Geral/SC e Vale do Rio Pardo/RS. A sua missão é contribuir para o desenvolvimento do jovem rural, através de iniciativas que promovam a participação cidadã, o empreendedorismo e o desenvolvimento local sustentável. A instituição se caracteriza como uma organização não governamental, de caráter civil, e faz parcerias com órgãos do governo, como a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), prefeituras municipais, além do Instituto Sousa Cruz, localizado na cidade do Rio de Janeiro – RJ, que é seu principal parceiro.

Assim, esta pesquisa visa compreender, a partir da Psicologia Ambiental, como os jovens do Cedejor têm se apropriado de seus espaços e construído suas identidades de lugar. Tendo como objetivos específicos compreender, a partir da Psicologia Ambiental, a concepção de apropriação do espaço para o jovem do rural; Investigar se a identidade de lugar do jovem do campo contribui para a sua permanência no meio rural; Investigar, por meio dos conceitos de pertença, cultivo, personificação se ocorre há construção da identidade de lugar nos sujeitos pesquisados.

A identidade de lugar é um conceito trabalhado por Claval (1999) e Tuan (1983). Ambos conferem ao sujeito, a incorporação do lugar no seu universo simbólico, compondo assim, um elemento do seu processo de construção da identidade.

O presente trabalho está organizado com uma primeira seção de caráter introdutório; o item dois apresenta a metodologia de estudo; seção três aborda o Referencial Teórico de forma sucinta com a produção acadêmica sobre o tema; no item quatro é feita a apresentação e análise dos resultados da pesquisa; o item cinco apresenta a conclusão, abordando os resultados finais, limitações da pesquisa e sugestões para outras investigações.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória qualitativa, tendo como método o estudo de caso. Este estudo compreende que a análise holística é a que mais se aproxima dos propósitos desta pesquisa, pois ele considera a unidade social estudada como um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos (GOLDENBERG, 2000). O total da população estudada foi composta por 5 jovens, sendo identificados da seguinte forma: os três informantes

do sexo feminino são apresentados por: jovem (1), com 23 anos; jovem (2), com 23 anos e jovem (3), 26 anos. Os outros dois informantes do sexo masculino são chamados de: jovem (4), 22 anos e jovem (5), 19 anos. O critério para a escolha dos jovens foi intencional, sendo escolhidos por indicação da equipe do Cedejor.

A pesquisa de campo foi realizada nas propriedades rurais dos jovens, localizadas nas cidades de Rio Fortuna e Grão Pará em Santa Catarina. A coleta de dados realizou-se no mês de abril de 2009, nas propriedades rurais dos jovens, localizadas nas cidades de Grão Pará e Rio Fortuna em Santa Catarina.

Os jovens selecionados, ao participarem da pesquisa, concordaram e assinaram o termo de consentimento de Livre Esclarecido recomendado pelo comitê de ética da Unesc. Para a coleta de dados foi utilizado como técnica a entrevistas semi-estruturada individual e registros de imagens.

Segundo Gil (1994), a análise dos dados tem por objetivo organizar e resumir as informações, possibilitando o fornecimento de respostas à problemática de investigação. Para esta análise, foi realizado um ordenamento das entrevistas e dos registros fotográficos, buscando os conceitos-chave a partir das informações produzidas no discurso dos entrevistados. De acordo com Bauer & Gaskell (2002) os conceitos-chave a partir da análise do discurso, acentuam a funcionalidade e a ação que o discurso do sujeito possui. As narrativas possibilitam a orientação da interação social do sujeito consigo mesmo e com o mundo. As imagens registradas têm a função de método auxiliar. O inventário fotográfico é outra possibilidade de leitura da confirmação do processo de apropriação. O critério para a escolha do que foi fotografado consistem em lugares, paisagens e objetos que tenha sentido para o sujeito. Desta forma o inventário fotográfico realizou-se após as entrevistas.

Entende-se que os registros visuais ampliam o conhecimento do estudo pois possibilitam documentar momentos ou situações que ilustram o cotidiano, ou seja, o vivido (NETO, 2003 apud MINAYO, 2003). A duração aproximada das entrevistas variou de trinta a quarenta minutos. Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas na íntegra, para atender as normas éticas da pesquisa com as devidas autorizações formais para imagens e áudio.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

#### **3.1 PSICOLOGIA AMBIENTAL**

A Psicologia Ambiental se caracteriza inicialmente “como a disciplina que se ocupa de analisar as relações que, em nível psicológico, se estabelecem entre as pessoas e seus entornos.” (GONÇALVES, 2004, p.17)

Para Moser (1998) a Psicologia Ambiental tem como objetivo estudar os seres humanos, tendo como ponto de partida o seu contexto. O tema central são as inter-relações deste sujeito, tendo como fenômeno de pesquisa, não somente as relações entre a pessoa e o meio ambiente físico e social.

As ligações que as pessoas estabelecem com seu entorno é fundamental para o pleno desenvolvimento e funcionamento de suas aptidões psíquicas. Portanto cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social, apropriando-se deste ou não, e é isso que estaremos investigando neste trabalho.

Os termos utilizados pela Psicologia Ambiental focados neste trabalho, ocupam um lugar central para que se possa entender como os jovens se apropriam ou não do espaço em que vivem. Os conceitos de apropriação de espaço e identidade de lugar foram trabalhados, embora se percebesse que estes dois conceitos sejam diferentes na sua construção teórica, na prática eles estão interligados. Para Pinheiro, Günther e Guzzo (2004, p. 08), a noção de espaço e lugar são termos fundamentais, pois auxiliam a melhor compreensão do homem com seu ambiente. “Trata-se, portanto de uma posição nova, uma diferente e mais recente maneira de entender o desenvolvimento humano e social”.

Gonçalves (2007, p. 58) diferencia espaço de lugar. O espaço é um conceito amplo e segundo ela, o espaço está cheio de lugares. É nestes lugares que o sujeito efetiva o processo de significação, e pergunta: “quais são os lugares de produção da subjetividade no espaço?”. A autora responde que são nos lugares próximos onde o sujeito trabalha, habita, passeia e relaciona-se.

Segundo Tuan (1983), o lugar é específico, concreto, conhecido e familiar. Tuan concebe o espaço de duas formas, a primeira chamou de “lugar” e a segunda de “espaçamento ou espaciosidade”, uma corresponde aos valores básicos de afeto e a outra à liberdade, ao uso livre do espaço. A espaciosidade ou espaçamento equivaleria ao sentimento de estar livre, de se projetar no espaço, real e ou imaginário.

Para a Psicologia Ambiental, a apropriação do espaço envolve processos cognitivos, simbólicos e afetivos. Os processos cognitivos se referem em como o sujeito se localiza, se movimenta nos espaços em que vive. Nos processos simbólicos destacam-se as diferentes

formas que a pessoa se identifica com o seu entorno, se esta valoriza e preserva o lugar e os processos afetivos, se estão relacionados à atração ao lugar, e, se este, lhe proporciona bem estar pessoal. A importância de todos os componentes tem suas variações durante o ciclo da vida no ser humano. Assim, a pessoa passa a ser conhecedora do ambiente em que vive e habita, sentindo-se pertencente àquele lugar (GONÇALVES, 2007).

Com esta leitura sobre as diferentes fontes pesquisadas no referencial teórico e outros que surgirão no decorrer desta pesquisa, busca-se compreender o processo de apropriação do espaço e identidade de lugar do jovem do campo, compreendendo como a família tem contribuído neste processo de apropriação do espaço da propriedade rural.

#### **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA**

Estudar a contribuição da família para o jovem do campo apropriar-se de seu espaço, não poderia deixar de se ressaltado neste trabalho. Entende-se que quando se fala em família, podem-se ter diferentes modos de pesquisar a importância desta para a vida do ser humano. A família, na área da saúde, é compreendida como fonte para a saúde ou à doença, do sucesso de uma pessoa ou fracasso (SILVA, 2009,c) Porém, nesta parte do trabalho se identificará como a família tem contribuído para que o jovem do campo se aproprie de seu ambiente.

Nos estudos de Silva (2002, p. 101) no Vale do Jequitinhonha - (MG), percebe-se uma das funções da família:

As observações realizadas em Chapada do Norte também apontam para tal fato, além de demonstrarem a importância da família na vida dos jovens. Pois é neste laço afetivo-familiar tão estreito que os jovens vão mediando e formando suas personalidades, construindo suas identidades e suas maneiras de se verem e de se auto-representarem.

Neste sentido, se procurou nos depoimentos dos jovens, compreender como a família tem contribuído no processo de apropriação do espaço da propriedade rural. Observando que durante a formação, o jovem aprende a realizar diagnósticos da sua realidade, perceber o que pode ser feito e explorado na sua região, na propriedade em que habita e assim, possibilitando uma visão mais ampla da perspectiva de renda para ele e sua família. Depois deste diagnóstico, o jovem elabora seu projeto, chamado de PJER, neste processo de construção, o projeto deve resultar em um instrumento efetivo de viabilização de oportunidades de geração de trabalho e renda.

No depoimento da jovem (3), nota-se que tem se apropriado de seu espaço. Comenta com autonomia e autenticidade, finalizando, dizendo que tem o apoio da mãe: “Mas na verdade, eu tenho o meu espaço, eu tenho o meu respeito, eu faço as coisas, eu tenho o apoio da mãe [...]”. Constata-se que a família é importante, porém as iniciativas do jovem são fundamentais para a conquista de seu espaço.

A jovem (1) comenta que sua família procura passar seus saberes da terra, e recebe liberdade para executar seus planos na propriedade rural. Estes planos tornam-se o seu projeto. Por fim, a jovem ressaltou a importância do diálogo e o respeito:

Sim, porque a gente trabalha todo mundo *juntu* [...] Não é que eles não querem *fazê* mais, é que eles querem que a gente aprende também. Eu acho que eles me *ajudu bastanti* e também nesta questão di as coisas para mim *fazê* na *propriedadi* eu tenho *bastanti liberdadi*. Só que sempre há uma conversa, vê si vale a pena ou não, até por eles terem mais experiência que a gente né. Quantos anos eles já tão vivendo? Quantos anos eles já tão *trabalhandu*? Eles vão *sabê* se dá lucro ou não.

Carneiro (1998) apresenta em pesquisa realizada na região de Nova Pádua, Caxias do Sul (RS), com jovens rurais numa “colônia italiana”, que o compromisso moral é muito forte, e se dá em reconhecimento pela ajuda familiar, o que gera um sentimento de dívida jamais quitada.

Sobre a participação da família, durante e depois da formação do Cedejor, a jovem (1) relata que sua família tem se demonstrado participativa, e recebe apoio dos pais para desenvolver seu projeto na propriedade rural, um projeto com o gado de leite: “A minha família também me *apoiô* bastante, eles também queriam”.

A jovem (2) buscou colocar em prática seus conhecimentos e sua família deu abertura para os experimentos durante a execução do seu projeto: “eu acho que eles dão a chance e sempre ajudaram para *mim* tentar. [...] Sempre deram a oportunidade para mim, de *tar* construindo, todas as coisas que eu precisei e disse que queria tentar, eles sempre me deram a chance”.

Conforme o jovem (5), sua formação ajudou, entre outras coisas, para que a família reconhecesse o seu trabalho, ele conta que tem uma parte dos lucros:

Ah! é tudo *conversadu*. E depois que eu entrei lá (Cedejor) que eu tenho esta parte da porcentagem do aviário, eu conversei com eles sobre que eu estava só trabalhando em casa e de eu ter uma porcentagem. Então, agora é o meu salário *né*, antes eu não tinha. Antes quando *precesava* pedia. E conversando assim eles dão todo o apoio que eu preciso para fazer as coisas aqui dentro *né*. [...] Para ganhar o espaço na propriedade [...]

No que se refere à experiência no Cedejor, estes jovens relatam que houve uma mudança na forma com que viam seus ambientes. Durante a formação, além de poder ter outro olhar sobre sua realidade e melhor se identificarem com o lugar, eles adquirem conhecimento voltado para as suas necessidades. O Cedejor trabalha utilizando temáticas voltadas para os eixos: *humano, técnico e gerencial*. No *eixo humano* existem, basicamente, temáticas que são voltadas, para a ética, sexualidade, meio ambiente, direitos humanos; essencialmente, valores básicos para estimular a cidadania e o protagonismo juvenil. No *eixo técnico*, encontram-se os conceitos e métodos para avaliação das práticas atuais, também estimulando a construção e realização de empreendimentos rurais, podendo ser com base na agricultura ou não. Por fim, os trabalhos com temáticas no *eixo gerencial*, têm as noções de gestão com ênfase na visão estratégica, aplicada à agricultura familiar e aos pequenos empreendimentos, com estímulos para a construção de projetos sociais direcionados para o espaço rural (UPM, 2007).

O jovem (5) relata que obteve:

uma visão mais detalhada da *propriedadi*. O que nesta área pode ser feito, o que nesta outra pode ou não ser *feito*. A gente tem um conhecimento mais *detalhadu*, na formação foi passada esta visão de ver a propriedade mais detalhada.

Para o jovem (4) o trabalho na propriedade rural foi despertado e motivado com o início da formação, comenta que:

Trabalhava por trabalhar não era assim muito motivado a ficar no meio rural e depois que eu entrei no Cedejor *qui* me motivou a permanecer a ver as possibilidades, que tinha possibilidades de ter futuro no meio rural. Antes parece que o cara não queria ver que tinha, mas parece que lá *mostro* que eu tinha condições de permanecer no meio rural e hoje já não me vejo fora do meio rural.

A jovem (1) conta que foi “depois do Cedejor, *nu casu*, eu tive mais *vontadi di* ficar na *propriedadi* e [...] eu aprendi *bastanti* coisa”.

Segundo o jovem (5), em sua formação aprendeu muitas coisas que seus pais demorariam a passar para ele: “E dependendo talvez, dos pais é que demora mais para passar isso para os filhos. Não é tão já assim que eles pega e *passu*.”

Com o desenvolvimento das habilidades no Cedejor, a jovem (3) comenta que tem planos de implantar novos projetos na comunidade.

E no Cedejor eu aprendi *di* tudo, pessoal, *di propriedadi*, tipo eu não sabia o que era *fazê* um projeto. Eu só ouvia na rádio que tal vereador mandou tal projeto para ser feita tal coisa *né*. E

agora tu tem a idéia *né, fico* melhor, eu até posso montar eu um projeto para a *comunidadi*. Eu tinha idéia de montar um parquinho aqui na comunidade [...]

Com estes depoimentos observa-se que o apoio da família é fundamental para que o jovem se aproprie do ambiente onde vive, sinta-se pertencente ao lugar, atue concretamente, modificando e moldando seu entorno de acordo com seus ideais ou projetos de vida. Neste sentido, a família representa uma forte ligação de incentivo e motivação para que o jovem possa, ao final de sua formação, desenvolver seu PJER, na propriedade rural, alcançando uma autonomia financeira. Assim, pode-se ressaltar que a autonomia pode ser vista como um sinal de apropriação do espaço. Este projeto pode ser um projeto do jovem ou também representar um projeto da família.

#### 4.1 A cidade ou o campo?

O que tem motivado os jovens a permanecer no campo e não ser mais um na referência dos dados estatísticos do IBGE sobre o êxodo rural? Esta foi uma das perguntas que os jovens responderam, e constatou-se que eles têm buscado meios para trabalhar no campo e não na cidade. No texto a seguir, busca-se compreender qual a motivação do jovem para continuar no campo.

Vale ressaltar o que se compreende por cidade. Cidade é um conjunto de grande concentração de diversidade de objetos geográficos, capazes de oferecer e acomodar grandes contingentes populacionais em distâncias mínimas, além de atuar como propulsora das relações ali estabelecidas (GONÇALVES et al, 2006).

Na visão da jovem (3) a cidade representa a imagem de um local fechado. Ela apresenta a cidade retratando-a como, “a praça”:

E na praça é todo mundo *infiado* dentro de casa, é claro que tem *as cidades grande* que tem mais lazer, mas aqui na cidade não tem lazer, então o pessoal fica *infiado* dentro de casa. Então, eu prefiro ficar aqui sem todo aquele dinheirão e me sentir bem, tranquila, sem doença, do que *ficá* morando trancada dentro de casa.

Diante disso, entende-se que um dos grandes problemas no campo é o êxodo rural, tendo como resultado um aumento desordenado das cidades. No meio urbano surgem outros problemas para os jovens (população no geral) enfrentarem, ficando evidente e mais espantoso quando se assiste um noticiário, que tem como pauta do dia, a criminalidade, o uso abusivo de drogas, o desemprego e uma série de outros problemas sociais que, de certa forma, deixam as



peças enclausuradas em suas casas e apartamentos. Estes conflitos continuam a desafiar a capacidade de se manter uma qualidade de vida saudável. Contudo, os resultados têm reforçado a retomada de reflexões sobre a juventude brasileira (SILVA, OLIVEIRA, 2007).

Também, quando se pensa na sociedade e na forma como se organiza, concorda-se com Gonçalves (2007) no que diz respeito a ter-se consciência da valorização das expressões estéticas dos seres humanos. Fazendo esta tentativa valoriza-se a construção de um novo pensamento, que leva em consideração o simbólico, o mundo subjetivo das pessoas. Pensar em planejamento urbano é pensar na construção de alternativas que valorizem a subjetividade dos moradores que ali habitam. Corroborar-se com Siqueira (2007) quando trata do ponto de vista psicológico, em que se podem ver os problemas sociais, como o desenvolvimento da cidade, sem se pensar na qualidade da segurança, o conforto social da sua população. O que para o autor, torna a cidade fragilizada pela falta de projetos direcionados para a cidade, visto que possui o sonho de enquadrar-se nos modelos de consumo pós-moderno.

Conforme Santos (2008), atualmente os estudos buscam identificar o que é rural e o que é urbano, embora estes termos, com o passar dos anos, tenham perdido uma definição clara, as quais, o autor explica, a partir de fatos históricos ocorridos na Europa, que se refletiram no Brasil. A colonização e a organização do espaço brasileiro têm a sua gênese relacionada aos interesses europeus e, em particular, aos de Portugal. A autora com base nos estudos de Lefebvre (1991), explica que o surgimento das cidades se deu através da industrialização, porém não deixa de salientar a relação intrínseca da cidade com o campo; “a cidade precisa do meio rural” (jovem 1).

Entretanto, buscando o objetivo principal deste trabalho, que é o de compreender qual a motivação do jovem para continuar no campo, encontram-se os seguintes depoimentos:

É de ter o meu próprio negócio, *di tá* trabalhando no que é meu *né*. Isso é o *qui mi* motiva a *tar* todo dia trabalhando aqui. Tu sabe que vai ter um retorno *cum* isso e que é da família isso aqui e que é *pra nós* que *tamo* trabalhando *né*. É o *qui motiva nós a tá* trabalhando aqui e *tá* permanecendo no meio rural. [...] é saber que estou trabalhando no que é para mim. [...] o serviço é teu, tu sabe que tu é o patrão, *né*. Nós trabalhamos com a família *né*, mas tudo é combinado com a família, não é nada só um que manda, é todos que são iguais *né*. (jovem 4)

Figura 02: O trabalho / Fonte: Silva, 2009.



[...] o cara tá *trabalhandu* no que é *du cara né*. Não tá *trabalhandu* pra um patrão para manter os outros. [...] E o cara na verdade tá mais livre, se o cara tem que sair um dia, tem um compromisso é só se *programá*, o cara *podí i*, não precisa tá *pedinho* permissão pá outro, o cara *memu* a ali *né*. Pa isso o cara tem mais *liberdadi* pa isso *né*.(jovem 5)

O jovem (2) também ressalta que: “[...] a gente poder ter as nossas idéias e se mandar próprio, não ter ninguém, porque patrão é uma coisa eu já acho que não conseguia trabalhar numa firma fechada coisa assim. Aqui a gente tem o ar [...]”. Percebe-se com os depoimentos, que os jovens têm buscado uma autonomia financeira com a apropriação do “próprio negócio”. Uma idéia de trabalho voltado para a união da família; um trabalho em contato com a natureza, que neste sentido, poder-se-ia destacar, a liberdade. Também se pode refletir sobre o individualismo, típico do mundo capitalista. O que remete a pensar em como o trabalho na agricultura familiar desta região tem procurado a idéia de economia solidária, e como tem se dado o trabalho voltado as cooperativas entre os agricultores?

## 5 CONCLUSÃO

Ao buscar compreender como o jovem do campo tem se apropriado do lugar onde vive, a pesquisa procurou a alcançar a dimensão psicológica do sujeito, bem como, os processos

simbólicos, cognitivos, afetivos e interativos. Foi o desafio que se propôs nas linhas iniciais deste trabalho. Assim, ao se abordar estes jovens em seus ambientes, procura-se dar visibilidade aos hábitos de vida. Entende-se que espaço é um conceito amplo, mas neste trabalho buscou-se compreendê-lo como o continente de vários lugares, onde o jovem efetiva o processo de significação. O termo “habitar”, está relacionado à apropriação dos diferentes espaços - físico, simbólico, emocional e cultural - nos quais estão todos os lugares, as pessoas, as coisas e os objetos com os quais o ser humano estabelece uma interação.

O objetivo deste estudo foi alcançado no momento em que os objetivos específicos foram contemplados na seção seis: ‘Apresentação e análise dos dados da pesquisa’, - na qual se buscou responder as inquietações vindas de outros estudos; compreender a partir da Psicologia Ambiental, a concepção de apropriação do espaço para o jovem do campo; tendo como problemática o êxodo campo/cidade; investigar se a identidade de lugar do jovem do campo contribui para a sua permanência no meio rural; identificar, por meio dos conceitos de pertença, cultivação e personificação se ocorre a construção da identidade de lugar nos sujeitos pesquisados.

Na análise do estudo vigente, identificaram-se os seguintes resultados: relacionados à identidade de lugar, em concordância com os diferentes autores estudados, os jovens pesquisados apresentam laços significativos com o lugar em que vivem, pois as raízes com o lugar resultam a incorporação à identidade do “eu”. Este processo foi detectado quando os jovens atuam com ações concretas no seu entorno, relacionado à conquista do espaço desejado, adaptando-o, colocando neste, as características pessoais.

Este processo de ações e interações com o ambiente, de acordo com os conceitos da Psicologia Ambiental, a apropriação do espaço envolve diferentes processos: cognitivos, simbólicos e afetivos. Estes processos foram ao longo da análise apresentados. Assim, percebe-se claramente a presença destas características nos jovens entrevistados. Dá-se destaque para os processos simbólicos em que se destacam as diferentes formas com as quais os jovens se identificam com o seu entorno, valorizando e preservando o lugar; e aos processos afetivos relacionados à atração ao lugar, resultado de um ambiente apropriado que foi considerado pelos jovens, em diferentes momentos, um lugar (o campo) que lhes proporciona “bem estar” psíquico. Neste sentido, o lugar é onde ocorrem as representatividades simbólicas. Contudo, no campo, a apropriação afetiva é uma das formas pelas quais o jovem se identifica. A ligação afetiva com os animais resulta na sensação de bem

estar. Esta interação/contato com os animais é manifesta à identificação emocional intrínseca no cuidado com os animais do campo.

Ao estudar a importância do ambiente apropriado para os jovens, compreende-se que quando a pessoa se sente bem, gosta e se identifica com seu ambiente, este é um dos requisitos para que o sujeito possa estar bem psicologicamente.

Assim, quando o jovem tem suas raízes e se identifica com o lugar, ele passa a buscar a resolução para os problemas, busca cuidar e permanecer no seu território. Para o jovem do campo, seu habitat é visto como um lugar que possibilita a liberdade, não só expressa pelo mundo físico, mas psíquico.

Nas diferentes fontes utilizadas neste estudo, não se poderia deixar de falar nestas linhas finais, sobre a importância da comunidade e da família para a apropriação e identificação com o lugar. Como relatado, a comunidade rural exerce a função de proporcionar as famílias e aos jovens uma vida coletiva, mobilizar ações sociais, conquistar direitos e também de fortalecer manifestações culturais que identificam os diferentes grupos. Neste sentido, as relações que os jovens estabelecem com as pessoas na comunidade onde vivem, como os vizinhos, os amigos e outros, fazem com que desenvolva o sentimento de familiaridade. A familiaridade é a apropriação que resulta de um estado de bem estar e segurança.

Assim, observou-se que os jovens desta região, por residirem próximos, por terem, entre outras afinidades e habilidades, atividades semelhantes, estabelecem laços de interações sociais, existindo naturalmente trocas de recursos, seja material, simbólico ou cultural, o que se supõe a proximidade, ocorrendo um reconhecimento, uma identidade grupal, essencial para o desenvolvimento de redes sociais.

Por fim, na análise das entrevistas, tornou-se visível que o jovem tem buscado sua autonomia financeira, e a apropriação do “próprio negócio” é a motivação para o jovem continuar na propriedade rural. A idéia de trabalho está voltada para união da família; em contato com a natureza e neste sentido, pode-se destacar o sentimento de “liberdade”. Também se pode refletir sobre o individualismo, típico do mundo capitalista. Esta visão capitalista, a qual preocupa este pesquisador em pensar como o trabalho na agricultura familiar desta região tem procurado a idéia de economia solidária, e como tem se dado o trabalho voltado as cooperativas entre os agricultores? Ressalta-se assim, a necessidade de se criarem redes cooperativas entre os agricultores, que possibilitem uma luta mais igualitária com as grandes indústrias monopolizadoras do comércio de produtos, outrora típicos dos povos do

campo. Neste sentido, valorizar o produto não só na visão capitalista, mas expandir para uma coletividade e porque não, uma economia solidária?

Todavia, como limitações da pesquisa, apontam-se os seguintes aspectos: uma questão não abordada neste trabalho e que possibilita novas pesquisas é investigar quais os impactos de uma economia solidária para esta região no comércio dos produtos; analisar mais detalhadamente como o jovem do campo percebe a importância dos valores culturais, suas tradições, costumes de antigas gerações; abordar as dimensões cognitivas de crianças que vivem no campo para o desenvolvimento de habilidades escolares; estudar mais profundamente sobre o significado da casa, investigando quais as relações com a colonização do Sul do Estado Catarinense. São questões para possíveis reflexões futuras.

## REFERÊNCIAS

BAUER, Martim W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002, 516 p.

CARNEIRO, Maria J. O ideal *rurbano*: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In.: TEIXEIRA da SILVA, F. C., SANTOS, R., COSTA, L. F. C. (orgs.) **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro, Ed. Campus/Pronex, 1998.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999. Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/eccos/article/viewFile/211/207>. Acesso em: 27 mar. 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1994.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. 107 p.

GONÇALVES, T. M. **Psicologia Ambiental**. Revista Pesquisa e Extensão em Saúde. - Criciúma Ano 1,n.1, 2004. - Criciúma, SC: Universidade do Extremo Sul Catarinense.

\_\_\_\_\_; et al. Representação social da arborização. In.: GONÇALVES, Teresinha Maria et al. (org). **Intervenções urbanas** – uma abordagem interdisciplinar pensando a arborização da cidade de Criciúma SC. UNESC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí Unijuí, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. 80 p.

MOSER, Gabriel. **Psicologia Ambiental**. *Estud. psicol. (Natal)*, Jan./June 1998, vol.3, no.1, p.121-130. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a08v03n1.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: 1998.

SILVA, Clayton N; **Relatório de estágio clínico E**. Jul, 2009. 122f. Relatório técnico, referente ao estágio obrigatório clínico (E), supervisionado. – UNESC, Criciúma, 2009.

\_\_\_\_\_. **O trabalho**. 1 fot. Color 10,11 cm x 15,88 cm.

SILVA, Ileizi L. F; OLIVEIRA, Rosemary B. Juventudes, educação e trabalho estudo e política pública em Londrina – PR. In: JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati. **Juventudes, desigualdade e diversidades: estudos e pesquisas**. Londrina, PR: Eduel, 2007. p 23-55.

SILVA, Vanda. **Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência.** **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, Ago. 2002 . pp. 97-115. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12005.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2009.

SIQUEIRA, Marina Toneli. **De cidade atrasada a capital de melhor qualidade de vida.** In: XII Encontro da associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, de 21 a 25 de maio de 2007, Belém – PA (Pará). Anais do XII Encontro da associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** S. P.: DIFEL, 1983.

PINHEIRO, José Q.; GUNTHER, Hartmut; GUZZO, Raquel S. L. Psicologia ambiental: área emergente ou referencial para um futuro sustentável? In.: GÜNTHER, Hartmut; PINHEIRO, José Q.; GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente.** 2. ed. rev. Campinas, SP: Alínea, 2004. p. 7- 14.

UPM. **Programa Empreendedorismo do Jovem Rural.** UNIDADE POLÍTICO-METODOLÓGICA. Instituto Souza Cruz, Maio de 2007.